

Sommaruga, do Gabinete suíço, acha que boa performance pode substituir aval

CORNÉLIO BRAZILIENSE

# Suíço acha que aval do FMI é dispensável

"O aval do Fundo Monetário Internacional (FMI) não é fundamental para que os bancos privados estrangeiros fechem um acordo definitivo com o Brasil. O importante é que o País consiga apresentar, perante seus credores, um programa viável de ajustamento econômico, capaz de resolver seus principais problemas internos, como as altas taxas de inflação e o elevado déficit público". A opinião é do secretário de Estado para Assuntos Econômicos Exteriores do governo suíço, Cornélio Sommaruga, ora em visita a Brasília.

Durante um almoço no Itamaraty, do qual participaram o secretário-geral das Relações Exteriores, Paulo Tarso Flecha de Lima, e da Ciência e Tecnologia, Luciano Coutinho; além do embaixador Roberto Campos e do diretor da Área Externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas; o secretário suíço manifestou uma posição de otimismo na plena recuperação do Brasil, principalmente porque o País acaba de optar pela volta ao Estado democrático.

Apesar de não achar o acordo com o FMI impres-

cindível para o fechamento de um acordo com os banqueiros privados, disse Cornélio Sommaruga entender que este entendimento com o Fundo seria uma coisa positiva, pela qual o Brasil poderá obter recursos a custos bastante reduzidos, como os que são oferecidos pelas linhas de crédito tipo "stand by".

Cornélio Sommaruga posicionou-se em seguida, durante conversa que manteve com os jornalistas, contrário à capitalização de juros, afirmando "não ser este o melhor caminho". Interpelado sobre qual seria, então, o melhor caminho, citou apenas "a rolagem da dívida".

Mais tarde, numa palestra proferida no Hotel Nacional de Brasília, o secretário suíço firmaria uma posição contra as atitudes protecionistas adotadas pelos países desenvolvidos, classificando-as de "um dos desafios mais perigosos que estamos enfrentando, pois não somente dificulta a expansão econômica dos países em desenvolvimento, como também prejudica as suas expectativas de exportação, já que estes países necessitam de

entrada de moeda estrangeira para liquidar seus débitos".

Sommaruga também fez um apelo aos países em desenvolvimento, no sentido de que procurem buscar o crescimento econômico não-inflacionário e que impliquem melhoria da qualidade de vida das suas populações. Pregou a liberação de recursos novos e a concessão de prazos mais longos por parte dos bancos comerciais aos países em desenvolvimento, mas em seguida aconselhou estes países a manterem uma maior abertura ao capital estrangeiro, "pois investimentos diretos que integram os programas de desenvolvimento somente podem ter efeitos positivos. Entretanto — ponderou — um país que quer ser atraente para o investidor estrangeiro, deve apresentar um quadro econômico e institucional o mais estável possível. Já os países industrializados devem, por sua vez, criar as condições prévias para um crescimento saudável, desenvolvendo políticas monetárias convergentes a fim de conseguir uma baixa da taxa de juros internacionais".